

Notas de viagem

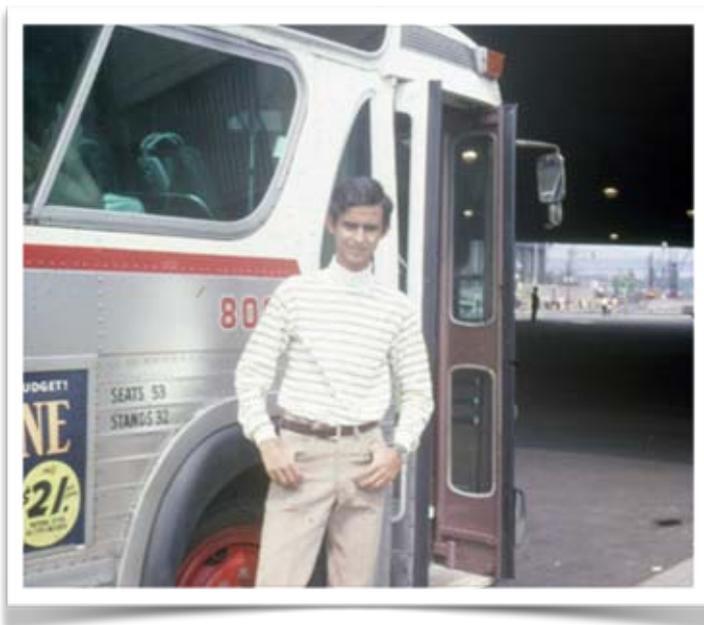
As terras do Sul



Em 1969, Brasil e Estados Unidos viviam em mundos diferentes. A automatização, hoje natural mesmo para jovens brasileiros da periferia, deslumbrava o visitante estrangeiro. Tudo era novidade. Em minhas cartas para a família, conto com entusiasmo as “maravilhas” que

vejo: restaurantes, supermercados e postos de gasolina *self service*. Portas de vidro que se abrem quando passo e se fecham sozinhas. Máquinas que cospem latas de refrigerante, maços de cigarro, jornais, revistas, chicletes, selos para cartas e o que mais a mente possa imaginar. Televisões em cores! Nas largas avenidas, *outdoors* descomunais exibem todo tipo de chamativa propaganda. Nas autoestradas, com seis e até oito pistas, limusines luxuosas e carros extravagantes deslizam altivos. De tantas em tantas milhas, os motoristas param em pedágios fantasmas que engolem moedas e liberam a passagem com um educado sinal verde que diz “*Thank you!*”. É o império do automóvel que se expande assustadoramente. Diz-se que o corpo humano, agora, se divide em três partes: cabeça, tronco e rodas.

Pela Greyhound, linha de ônibus interestadual, saio de Miami – meu ponto de chegada nos Estados Unidos – e atravesso o estado da Flórida. Passo pela cidade de St Petersburg onde mora, e dentro de alguns meses irá morrer, Jack Kerouac, autor do célebre *On the road*. Sigo



pelos estados da Georgia, Alabama e Louisiana, até chegar à cidade de Greenwood, no alto Mississippi, onde fica a fazenda da família americana. Algumas cenas me marcam nesta primeira etapa da viagem. Vejo que, na civilização do consumo e do conforto, há também o outro lado da moeda. O lado triste. Trágico mesmo. A hostilidade entre negros e brancos é visível. Explica-se: pela lei de direitos civis, assinada em 1964, discriminação racial passou a ser crime. Por conta disso, em 1968, Martin Luther King Jr. foi assassinado e, dois meses depois, o democrata Robert Kennedy não teve melhor sorte. Os ânimos se exaltam, a violência aumenta. O sonho do pastor, que via “netos de escravos e netos de donos de escravos vivendo juntos e em paz”, tem de ser adiado. Pelo menos aqui, nas terras do Sul.

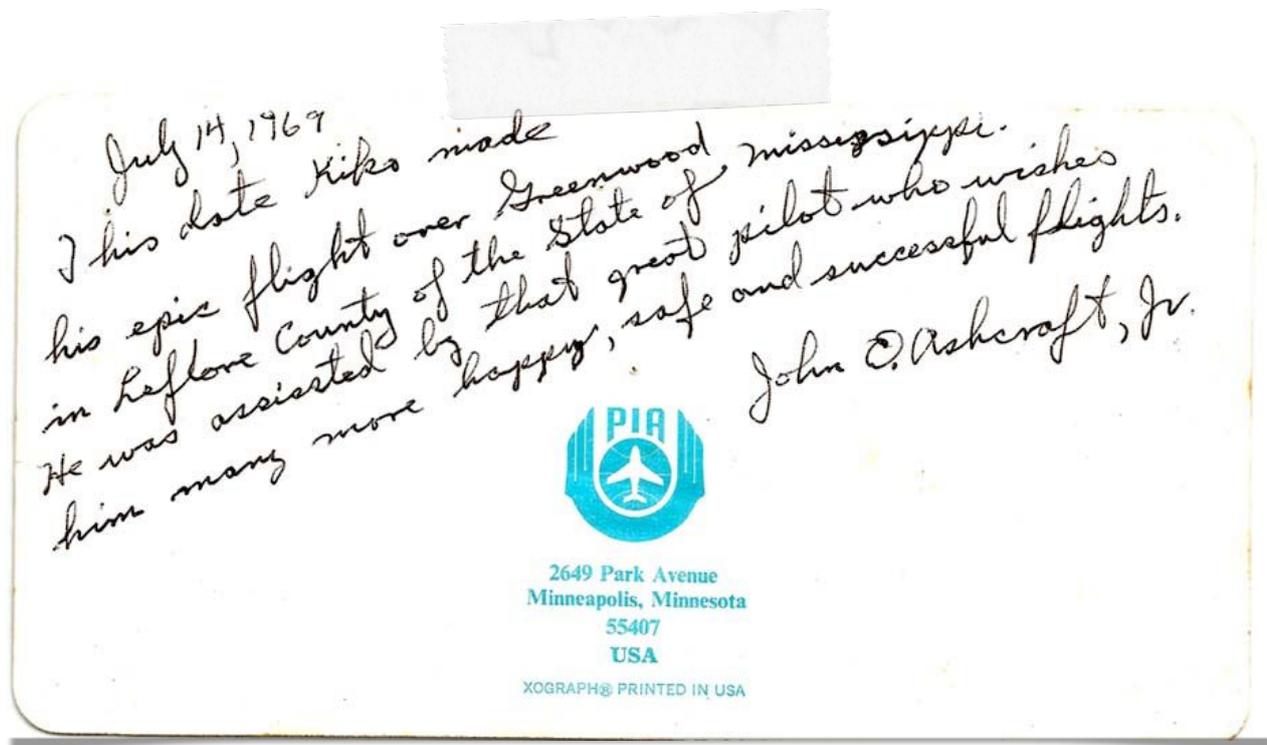
Muitas famílias de Greenwood exibem a bandeira dos estados confederados em suas casas – felizmente, a que me hospeda não faz parte desse grupo. Discursos exaltados contra o Norte “permissivo” são comuns em casas, clubes e lugares que frequento.

Para minha sorte, os Ashcraft, embora conservadores, não defendem posições radicais. São pacíficos e conciliadores em suas opiniões, mantêm um comportamento respeitoso com os negros e, com relação à excessiva liberalidade do Norte, preferem fazer piadas. Assuntos de religião e de política, tanto dos Estados Unidos quanto do Brasil, são evitados. O governo militar brasileiro é anticomunista e, para eles, isto é o suficiente. Quanto à religião, sabem que sou católico e ficam surpresos quando digo que posso frequentar a igreja presbiteriana sem problema algum. Com meu ecumenismo tropical, ganho a simpatia da família. A curiosidade deles sobre nosso país volta-se principalmente para a geografia, o povo e a cultura. Sobre esses temas, as conversas são prazerosas e intermináveis.



No campo ou em casa, todos trabalham duro e as tarefas são divididas até entre os mais novos. A remuneração é proporcional à responsabilidade recebida e às horas de trabalho. Como integrante do grupo, sou chamado a participar das atividades. Começo cortando grama e cuidando dos jardins. Depois, já sou convocado a ajudar em serviços de pintura e carpintaria. Os Ashcraft são exigentes, mas generosos. Com disciplina e empenho, consigo juntar uns bons dólares trabalhando para eles.

Um acontecimento: em 20 de julho de 1969, a família se reúne em torno da televisão. Imagens em cores, transmitidas ao vivo por satélite, mostram o momento em que Neil Amstrong, empunhando a bandeira americana, se torna o primeiro homem a pisar na Lua. Na conquista do satélite, o espírito de união prevalece. Todos aplaudem e confraternizam. O que meus olhos veem na tela da tv parece ficção científica e, mesmo em uma cidade perdida no Sul dos Estados Unidos, tenho a sensação, por instantes, de que estou no planeta dos Jetsons e em outra era.



Final de minha temporada no Sul: como presente de despedida, John Ashcraft me convida para passear em seu avião – um monomotor conversível. Deixa-me, inclusive, pilotar a geringonça por alguns breves e emocionantes minutos. Do voo, guardo na lembrança as imagens deslumbrantes do rio Mississippi e das extensas plantações de algodão de Leflore County.

De volta a terra, guardo a alegria e a receptividade do velho John ao receber o meu incontido abraço de agradecimento pelo passeio – como sabemos, os americanos são econômicos nas demonstrações de afeto e pouco se tocam. Mas ali, pelo simples tato, o anglo-saxão e o latino falaram a mesma língua – a do sentimento.



As terras do Norte

Sigo pela *Greyhound* até Memphis, no Tennessee. De lá, sairá o meu voo para Washington – a capital do império.

E é esta exatamente a impressão que tenho da cidade: uma Nova Roma, ostentando monumentos grandiosos para seus “imperadores” e construções que impressionam pelas dimensões e imponência. São cinco dias de visitas a museus, bibliotecas, instituições governamentais e prédios históricos. A intensa programação preparada pelo *The Experiment in International Living* inclui ainda vários encontros com estudantes de escolas de ensino secundário.

Fico surpreso com o interesse pelo Brasil. A eles, impressionam, principalmente, as dimensões de nosso território e a riqueza do solo. Pouco ou nada sabem de nossa cultura, mas demonstram grande curiosidade em aprender.



Fazem muitas perguntas sobre a língua portuguesa – que consideram bem diferente do espanhol, e se divertem com sons estranhíssimos, como o “ãõ”, praticamente impossíveis de serem pronunciados. Arregalam os olhos diante das fotos exuberantes de nosso carnaval nas revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* e costumam a crer que as festas possam durar quatro dias – só conhecem o *Mardi Gras* de Nova Orleans, uma

festinha de criança, comparativamente.

Para minha decepção, nosso futebol, bicampeão do mundo, não lhes desperta o menor entusiasmo – passam batidos pelas fotos, nenhuma pergunta a respeito. Ainda não existe a preocupação com o meio ambiente, mas, talvez já por influência do movimento hippie, parte significativa dessa nova geração faz questão de mostrar que defende outros valores. A maioria fala em viajar, ter um maior contato com a Natureza, conhecer novas culturas e fazer trabalhos comunitários em outros continentes. Enfim, pelo “espírito da época”, todos sonham com um estilo de vida mais livre e natural. O Brasil, portanto, combinaria com essa utopia adolescente.

Finalmente, o momento mais esperado: a chegada à Nova York – uma Babel onde, contraditoriamente, todos parecem se entender. Às vésperas da década de 70, a cidade é um canteiro de obras. Por toda parte, prédios velhos postos abaixo e estruturas colossais sendo edificadas – o *Lincoln Center*, com sua famosa *Metropolitan Opera House*, foi inaugurado há apenas três anos. Quarteirões inteiros cercados por tapumes. Barulho ensurdecador de buzinas, sirenes de bombeiros e ambulâncias, bate-estacas e britadeiras – o caos organizado, um divertido inferno.

Verão, ainda por cima! Com cores fortes, os contrastes se tornam mais visíveis. Manhattan é um formigueiro onde convive todo tipo de gente. O magnata que sai do *Rockefeller Center* pode muito bem esbarrar com o dono de uma das muitas lojas de produtos eróticos que ficam bem perto, na rua 42. Na Quinta Avenida, a madame endinheirada, com sacolas de grife, salta da limusine quilométrica e entra no hotel cinco estrelas sem reparar nos dois junkies imundos que passam por ela. O casal de turistas que passeia de charrete pelo *Central Park* não ouve o contínuo pregão dos traficantes que, em plena luz do dia, oferecem todo tipo de droga a quem passa.

Nos fins de semana, o parque vira um imenso palco onde acontecem as mais variadas atrações: Pintores, com seus cavaletes, copiam paisagens. Grupos musicais e artistas performáticos apresentam seus números para rodas de curiosos.

Negros, cheios de si, exibem suas batas estampadas e suas cabeleiras *black-power*. Um porto-riquenho, camisa desabotoada e tatuagem à mostra, carrega seu rádio descomunal com o volume no máximo. Tudo em perfeita harmonia. Por isso, policiais a cavalo vigiam sem incomodar. E, mais afastado, o velho de óculos, alheio ao que se passa, lê o *New York Times*.

Durante o dia ou à noite, *Times Square* é uma festa para a qual todas as tribos são convidadas. Espetáculos musicais milionários em teatros majestosos dividem o mesmo espaço com casas noturnas que apresentam *peep shows* de baixíssima qualidade. Restaurantes badalados por artistas e escritores famosos convivem com cinemas decadentes que exibem filmes pornográficos. E por aí vai, com diversão para todos os gostos e orçamentos. Mas, por prudência, cada um com sua turma e no seu quadrado.

Em *Greenwich Village* é outra história: berço da geração beat, o bairro boêmio torna-se conhecido pelas frequentes mobilizações contra a guerra do Vietnã e a favor da liberação sexual, que acontecem, principalmente, na histórica *Washington Square*. Estamos em agosto de 1969, o auge da contracultura. Perambulo por vários cafés e bares no *East* e *West Village*, entre eles, o *Stonewall Inn*, onde, há menos de dois meses e pela primeira vez, a comunidade gay se juntou para resistir aos maus tratos da polícia. Foram vários dias de confrontos violentos que ficaram conhecidos como a rebelião de *Stonewall*.



Em Bethel, a poucos quilômetros, entre os dias 15 e 17, o festival de *Woodstock* torna-se o maior e mais importante evento na história da música popular. Por três dias, jovens cantam a paz e a liberdade ao som de Janis Joplin, Jimi Hendrix, Joan Baez, Ravi Shankar, Grateful Dead, Joe Cocker e outros grandes nomes. Se, nas rádios e nos bailes populares do Sul, eu ouvia *country music* à exaustão, aqui, o que me atrai é o *hard rock* e o *blues rock* de Hendrix e Joplin, e as canções de protesto do *folk rock* de Baez e Dylan.

Volto ao Brasil carregando todo esse povo em compactos simples e LPs. Volto ao Brasil com excesso de bagagem – não em bens de consumo, mas em experiência e aprendizado de uma cultura diferente. Volto ao Brasil, definitivamente marcado por esse ano de 69 – número que, pelo formato, lembra dois corpos virados um para o outro, com um deles de cabeça para baixo. Ou talvez duas gerações, dois modos contrários de pensar, os símbolos yin-yang que, em posição ousada de amor, tentam se entender.